

**O PAPEL DO CAPITAL CULTURAL NA EDUCAÇÃO:
AS INTERVENÇÕES DO “MUNDO DA XUXA” NA INFÂNCIA**

**THE ROLE OF CULTURAL CAPITAL IN EDUCATION:
THE INTERVENTIONS OF THE "XUXA WORLD" IN CHILDHOOD**

**EL PAPEL DE LA CAPITAL CULTURAL EN LA EDUCACIÓN:
LAS INTERVENCIONES DEL "MUNDO XUXA" EN LA INFANCIA**

**Raísa Queiroga Barreto¹
Paulo Roberto Palhano Silva²**

RESUMO

Procurar-se-á analisar a relação da gestão organizacional a partir das intervenções do Mundo da Xuxa na infância, a fim de aprofundar e evidenciar o capital cultural, presente nas parcerias público/privado na educação infantil na contemporaneidade. Utilizar-se-á a abordagem teórico-metodológica qualitativo-exploratória amparado em suporte: bibliográfico e de observação assistemática, com a coleta de dados através da entrevista semiestruturado em uma escola pública do município de Guarabira na Paraíba. Os sujeitos da pesquisa integram a equipe pedagógica da escola. Como aporte teórico utilizamos: Bourdieu (1964, 1999, 1992), Enzensberger (1995), Nunes (1999), Luck (2012), Cunha (2010), Carvalho (2012) que abordam questões da Educação, como prática da construção do capital cultural, constituída de ideologia de consumo. Os resultados da pesquisa com a teoria bourdesiana estão relacionados com o Projeto Político Pedagógico - PPP e a prática pedagógica na escola, num paradoxo entre as expectativas dos sujeitos envolvidos com a realidade cotidiana, identifica a existência de um mecanismo reprodutor, que a instituição estabelece com seus educandos, prejudicando-os na sistematização de saberes.

Palavras-chave: Capital Cultural. Educação. Mundo da Xuxa. Gestão organizacional. Infância.

ABSTRACT

The aim is to analyze the relationship between Organizational Management and the interventions of the Mundo da Xuxa in childhood, in order to deepen and to highlight the Cultural Capital, present in the Public / Private Partnerships in Early Childhood Education in

¹ Graduada em Pedagogia e Pós-graduanda em Educação e Políticas Públicas na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: rsqueiroga92@gmail.com

² Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. PhD pela Universit Saint Demi – Paris 8. Atualmente é professor Titular na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: ppalhano1@gmail.com

contemporary times. The qualitative-exploratory theoretical-methodological approach of the bibliographic type and observation will be used, based on support: bibliographical and unsystematic observation with discussions based on the Cultural Capital in Early Childhood Education and the influences of Educational Management, with the collection of data from a semi-structured interview script at a public school in the municipality of Guarabira in Paraíba. The subjects of the research integrate the pedagogical team of said school among other authors. As a theoretical contribution, we use Bourdieu (1964, 1999, 1992), Enzensberger (1995), Nunes (1999), Luck (2012), Cunha (2010) and Carvalho (2012) that address education issues, such as cultural capital building practice, constituted of consumption ideology. Our analysis has resulted in reflections that go far beyond what we anticipated. Combining the results of the research with the BPP theory related to the PPP and the pedagogical practice in the school, in a paradox between the expectations of the subjects involved with the daily reality, identifying the existence of a reproductive mechanism that the institution establishes a solid relation with its students damaging in the systematization of knowledge.

Key words: Cultural capital. Education. Xuxa's world. Organizational management. Childhood.

RESUMEN

El objetivo es analizar la relación entre la Gestión de la Organización y las intervenciones del “Mundo Xuxa” en la infancia, con el fin de profundizar y destacar el Capital Cultural, presente en las Asociaciones Público / Privadas en Educación Infantil Temprana en los tiempos contemporáneos. Se utilizará el enfoque cualitativo-exploratorio teórico-metodológico de tipo bibliográfico y observación, basado en el apoyo: observación bibliográfica y sistemática con discusiones basadas en el Capital Cultural en la Educación Infantil y las influencias de la Gestión Educativa, con la recopilación de datos de un guion de entrevista semiestructurado en una escuela pública en el municipio de Guarabira en Paraíba. Los sujetos de la investigación integran el equipo pedagógico de dicha escuela entre otros autores. Como contribución teórica, utilizamos Bourdieu (1964, 1999, 1992), Enzensberger (1995), Nunes (1999), Luck (2008), Cunha (2010) e Carvalho (2012). Cultural, constituido por la ideología del consumo. Nuestro análisis ha resultado en reflexiones que van mucho más allá de lo que anticipamos. Combinando los resultados de la investigación con la teoría de BPP relacionada con la PPP y la práctica pedagógica en la escuela, en una paradoja entre las expectativas de los sujetos involucrados con la realidad cotidiana, identificando la existencia de un mecanismo reproductivo que la institución establece una relación sólida con sus estudiantes. Daño en la sistematización del conocimiento.

Palabras clave: Capital cultural. Educación. “Mundo da Xuxa. Gestión organizacional. Infancia.

INTRODUÇÃO

O direito a educação, estabelecido na Constituição de 1988, tornou-se, um símbolo de igualdade de oportunidade. Mas, é possível observar que, dentre os espaços educacionais, a reprodução intergeracional de desigualdade social tem influenciado a ascensão social e econômica. Pois, a influência de grupo de pertencimento indica quase que homogeneamente as expectativas e distribuição de acesso ao conhecimento das crianças pelos adultos.

Haja vista que, é através da educação que é imaginável ter acesso a uma sociedade mais justa e igualitária. A abordagem principal deste artigo será uma discussão a respeito das possibilidades de interferências da interface de parcerias público/privado entre uma escola pública³ do município de Guarabira-PB e a empresa Axaki na educação infantil, na perspectiva da formação do capital social e cultural⁴.

A investigação partiu das vivências no estágio do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba a partir da observação na escola pública. Coletamos dados que indicam a existência da parceria institucional entre o setor público/privado, através da loja Axaki, afiliada as organizações Xuxa Meneguel, com a escola pública. A escola tem a estrutura e manutenção de uma brinquedoteca mantida pela parceria.

Diante deste contexto, fruto das primeiras observações “*in loco*”, elaboramos as indagações que possibilitaram a geração do desenvolvimento da pesquisa, a saber: Como as parcerias entre os setores público e privado interferem na Gestão Educacional da Educação Infantil? Quais os indicadores da interferência? Quais as consequências da interferência no processo de sociabilidade, ensino-aprendizado e ideologia absorvida pelo público infantil?

Este estudo está situado no campo dos estudos culturais e da gestão educacional, e para isso, trazemos a contribuição de Luck (2008) que se propõe aos estudos da gestão educacional, trazendo discussões referentes a aspectos básicos a sua prática de trabalho pelo viés das múltiplas dimensões da educação.

Os estudos de Enzensberger (1995) que trabalha a ideia da manipulação na escola na Europa, um aspecto que importamos para o nosso modelo educacional. Os estudos de Nunes (1999) destaca o conceito na perspectiva das atividades lúdicas exercerem influência na Educação Infantil.

³ Iremos preservar o nome da escola pesquisada, por isso iremos nos referir a ela durante o corpo do texto por escola pública.

⁴ Pierre Bourdieu ao construir sua praxiologia, destaca a existência do habitus e campo, construídos pelo capital social – formado por atores sociais que disputam posição no interior do campo; e pelo capital cultural – em suas modalidades ‘incorporado’, ‘objetivado’ e ‘institucionalizado’.

Os estudos de Cunha (2010) sobre a brinquedoteca nos levam a associar aos estudos de Luck (2008) sobre a gestão organizacional por ser fundamental para a rotina institucional na Educação Infantil as oportunidades de formação e aprendizagem dos alunos.

Já Carvalho (2012) desenvolve os argumentos fundados na dimensão de valorizar o aspecto do capital cultural. Sua abordagem levanta questões da educação como prática da construção no capital social de um Capital Cultural, constituída de ideologia de consumo, como um mercado marcado por informações que se convergem em impactos que a mídia traz na formação educacional das crianças. Esse estudo por base a praxiologia de Bourdieu e Passeron (1992) que constrói categorias articuladas como: *habitus*, campo, violência simbólica e com destaque para a configuração do capital cultural e social. Ao capital cultural, eles explicitam que está estruturado em três tipos, atuantes na linha da reciprocidade articulada, a saber:

Pelo *capital incorporado*,

[...] A maior parte das propriedades do capital cultural pode inferir-se do fato de que, em seu estado fundamental, está *ligado ao corpo* e pressupõe sua *incorporação*. A acumulação de capital cultural exige uma *incorporação* que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, *custa tempo* que deve ser investido *pessoalmente* pelo investidor (tal como o bronzamento, essa incorporação não pode efetuar-se *por* procuração. [...]) (BOURDIEU, 1999, p. 72).

Pelo *capital objetivado*,

[...] O capital cultural no estado objetivado detém um certo número de propriedades que se definem apenas em sua relação com o capital cultural em sua forma incorporada. O capital cultural objetivado em suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos etc., é transmissível em sua materialidade. Uma coleção de quadros, por exemplo, transmite-se tão bem (senão melhor, porque num grau de eufemização superior) quanto o capital econômico. Mas o que é transmissível é a propriedade jurídica e não (ou não necessariamente) o que constitui a condição da apropriação específica, isto é, a posse dos instrumentos que permitem desfrutar de um quadro ou utilizar uma máquina e que, limitando-se a ser capital incorporado, são submetidos às mesmas leis de transmissão. [...]) (BOURDIEU, 1999, p. 74).

Pelo *capital institucionalizado*,

[...] A objetivação do capital cultural sob a forma do diploma é um dos modos de neutralizar certas propriedades devidas ao fato de que, estando incorporado, ele tem os mesmos limites biológicos de seu suporte. Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura. [...])

[...] Ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre os diplomados e, até mesmo, sua "permuta" (substituindo-os uns pelos outros na *sucessão*); permite também estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar. [...]. (BOURDIEU, 1999, p. 76)

Já o capital social para Bourdieu é constituído, dentre outros, por herança cultural que cada família transmite é constituída pelo capital cultural e pelos *ethos*, que se diferem em cada grupo social.

A praxiologia bourdesiana destaca a articulação entre capital cultural e social, articulando e posicionando os sujeitos e instituições no campo em permanentes disputas de ações participativas na escola básica.

Esta pesquisa se justifica pela influência negativa das mídias com ênfase nas produções no Mundo da Xuxa que são exibidas dentro dos espaços pedagógicos de Educação Infantil através da reprodução de programas, músicas, vídeos, como instrumentos metodológicos lúdicos no processo de aprendizagem, porém, mesmo com fins pedagógicos, estes modificam a cultura infantil, gerando crianças consumistas e reprodutoras de produtos comerciais voltados para a infância.

Optamos pela pesquisa qualitativa pois “significa investigar sistematicamente uma situação problema em uma dada comunidade ou em uma organização” (CHIZZOTTI, 2008, p. 93).

Metodologicamente, ancoramos o caminho da pesquisa nas bases das técnicas da observação, do “qualitativo-exploratório do tipo bibliográfica” e “documental”. A observação por considerar ser necessário estarmos ‘*in loco*’ para perceber o movimento corporal, as manifestações de relações sociais entre o público, e deste com os equipamentos; já a qualitativo-exploratório, pelo fato de possibilitar a visão dos sujeitos sobre o processo; a documental, pelo fato de ser necessário a verificação de dados em arquivos da temática, amparado em suporte: bibliográfico e de observação assistemática com discussão e resultados pautados em autores que debatem a Educação Infantil e a Gestão Educacional.

Com este propósito, o artigo propõe uma aproximação do campo da pesquisa realizada com o pensamento de Bourdieu na tentativa de estabelecer um diálogo nos aspectos sociais, da educação e a realidade apresentada pelos pesquisadores.

2 A GESTÃO ORGANIZACIONAL ESCOLAR: INTERFACES DAS PARCERIAS PÚBLICO/PRIVADO

A reflexão inicial deste texto apresenta o que, na Gestão Educacional, concebe como a figura do/a aluno/criança como sujeito de direitos e produtor de cultura, e partindo desta abertura, a escola deve estar preparada para efetivar uma educação para as diferenças, ou seja, uma educação multicultural.

O mestre Libânio (2001) reflexiona em sua obra que “Uma educação multicultural requer que as decisões da equipe escolar sobre os objetivos escolares e organização curricular reflitam os interesses e necessidades formativas dos diversos grupos sociais existentes na escola”. (LIBÂNIO, 2001, p. 49).

Então, por assim dizer, a Gestão Educacional necessita levar em consideração o modo como os espaços pedagógicos são organizados, o conselho escolar, a equipe administrativa, o corpo docente e sua formação acadêmica, a participação da família e comunidade da escola. De acordo com Luck (2008):

Os processos de gestão pressupõem a ação ampla e continuada que envolve múltiplas dimensões, tanto técnicas quanto políticas e que só se efetivam, de fato, quando articuladas entre si. Podemos afirmar, portanto, que toda visão que exclui alguma dimensão é limitada, de modo que se articulem diferentes concepções, a fim de se construir uma referência própria, a mais abrangente e profundada possível, para a gestão educacional e escolar (LUCK, 2008, p. 32).

Para discutir essa temática, pretendemos abordar a definição da Gestão Organizacional Escolar: conceitos e características e sua importância para o desenvolvimento da educação. Toda discussão será permeada por pensamentos de cunho teórico, nossa intenção com este texto é promover uma meditação e, ao mesmo tempo subsidiar as práticas educativas nos espaços pedagógicos.

Neste caso, é preciso considerar que a Gestão Organizacional se apresenta em duas estruturas: a descentralizada e a centralizada.

A primeira, a descentralizada assume o caráter de transferência de atribuições, o que nos diz que as instituições adquirem certo grau de poder, instituída como um descomprometimento do Estado com um projeto educacional. Já no que concerne à segunda, a centralizada, essa se caracteriza por ser gerenciada por instância maior e que quase nunca tem contato com a realidade educacional local.

Aos termos em mente essa concepção de Gestão, cabe aqui destacar que, esta é sempre um meio e nunca um fim, pois compete a ela um conjunto de fatores que conduzem ao desenvolvimento de processos educacionais.

Compreendemos que, a educação brasileira passou por uma trajetória de conquistas, porém, a mesma ainda permanece em busca de vencer desafios que são impostos diariamente, por isso, que a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) consolidou-se como um dos principais marcos que vigora até os dias atuais.

Na escola, o diretor é o responsável pela liderança e organização de toda equipe de trabalho, a ele compete zelar pela realização dos objetivos educacionais, promover a qualidade social na formação e aprendizagem dos alunos/as, garantir padrões elevados de ensino e promoção à diversidade, adotar uma visão abrangente, mobilizadora de competências, adoção de gestão participativa e autonomia da escola. Para isso, a gestão tem buscado subsídios nos aspirais da democracia e da participação.

Reconhecendo a importância de todos nós espaço pedagógicos, destacamos o papel do educador na conjuntura social, onde é o primeiro que assume a responsabilidade com os educandos, influenciando diretamente na formação de um ensino de qualidade, a partir de desempenho de conhecimentos, baseado, sobretudo, em suas vivências profissionais e culturais, assumindo-se como uma extensão da sociedade para o aluno, que são as pessoas para quem e por que existe a escola.

À gestão escolar democrática, compõem as características sistemáticas, mediadores e participativas com objetivos de promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos sócio educacionais e socioculturais das instituições de ensino.

Abordando questões concretas da rotina educacional, buscando garantir que as escolas tenham condições necessárias para cumprir sua função principal e formar cidadãos com as competências e habilidades indispensáveis para sua vida pessoal e profissional. Por isso, a gestão escolar democrática compõe as características sistemáticas, mediadores e participativas.

Neste ponto, a participação e democratização reflete a criação dos Conselhos Escolares que representem uma parcela dos processos educacionais, para tanto, é necessário que estes trabalhem em um conjunto de medidas políticas (compensatórias ou permanentes), visando um plano estratégico de participação apontando à democratização da educação.

Esses aspectos abordados são fundantes para desvelá-lo do objeto. Mas, como acontece a relação entre o público e o privado na gestão educacional, frente à construção do capital social como aprendiz, possuidor e operante do capital cultural?

3 O PÚBLICO E O PRIVADO NA GESTÃO EDUCACIONAL: O CAPITAL CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO

Para garantir a qualidade do ensino, é preciso saber utilizar o capital social e cultural, ou seja, é preciso pensar a instituição de forma inclusiva e abrangente, colocando a necessidade do aluno no centro dos interesses da gestão e tendo os recursos materiais como ferramentas para alcançar as melhorias necessárias, utilizados em prol do ensino.

Não sendo assim, o que nos remete são projetos verticalizados, tornando as escolas ambientes de reprodução de uma metodologia/ideologia de órgãos administrativos que estão muito distante da mobilidade social, seguindo quase sempre, orientações políticas partidárias, que optam por trazer metodologias estrangeiras, em que apresentam resultados em seus países de origem, pois, a realidade é outra.

Para que a escola/educação escolar funcione, é necessário estar atento às rotinas da secretária, legislação educacional, processos educacionais, manutenções patrimoniais, e várias outras tarefas e atribuições fundamentais para que tudo flua bem e para que os professores tenham tudo o que precisam para ensinar com qualidade.

[...] Na medida em que sistemas de ensino continuem organizando seu trabalho ordenado e orientado a partir de um enfoque meramente administrativo, será muito difícil que a escola, por iniciativa própria, e na contramão das iniciativas orientadoras do sistema, venha a dar um salto de qualidade em seu processo de gestão, como se pretende [...] (LUCK, 2008, p. 26).

Os reflexos desses procedimentos podem ser vistos na realidade escolar, pois acaba reproduzindo ideologias de cima para baixo, orientações que vêm de pessoas que vivem no privilégio das classes dominantes.

Então, está atento ao termo “Capital Cultural”, desenvolvido por Bourdieu, é fundamental para abrir um espaço de reconhecimento multiculturais sem está preso ao proposto pelas classes dominantes. “Capital Cultural” é um conceito que se refere ao conjunto de recursos disponíveis, na educação, consiste em um princípio de diferenciação de conhecimentos, cultural e de habilidades. Elemento quase tão poderoso e impactante quanto o econômico. Na escola, realiza-se uma seleção de detentores de “capital cultural” herdados,

separando daqueles desprovidos dele. Instruindo uma fronteira analógica que Bourdieu (1964) chama de nobreza e plebeia simples.

A escola reproduz desta forma, tanto a distribuição cultural quanto até mesmo a inserção do espaço social. No nosso caso, com a parceria público/privado da escola primária pesquisada com a empresa Axaki, em o Mundo da Xuxa, apresenta-se como uma analogia ao poder de consumo e a posse de informações, aos gostos e atividades de lazer (cultural).

[...] o mundo social pode ser concebido como um espaço multidimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital tomam uma vez percebidos e reconhecido como legítimos. [...] (BOURDIEU, 1987, p. 4, *apud* SILVA, 1995, p. 25).

Portanto, o Capital Cultural aqui trabalhado, se apresenta de forma abrangente e ambígua no campo de pesquisa e, representa nossas leituras sociais com realce dado pelo Bourdieu às minúcias da cultura de classe, e também, ao sistema escolar na valorização da cultura dominante, no nosso caso, a supervalorização da Xuxa e Cia. incorporado pela parceria público/privado, em que atua como mecanismo de reprodução social.

Mendonça, Neves e Pronko (2009, grifo nosso) explicam que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) resignificaram o conceito de Capital Cultural para sua estratégia de desenvolvimento social no séc. XXI, “O Capital Cultural adquire importância fundamental na redefinição do papel econômico e de legitimação social do Estado contemporâneo”, correspondendo a instrumentos tecnológicos de decodificação e codificação da informação, apoiando-se em conceito em construção.

Para Silva (1995, p. 44), “apesar de receber recursos das esferas Federal, Estadual e Municipal e lidar com resultados, a escola não pode ser vista como uma empresa. O aluno não é cliente da escola, mas parte e essência dela, razão pela qual a mesma existe”.

Assim, na gestão da escola pública ocorre, o processo de organização política, administrativa, financeiro e cultural, com vista a dar transparência de suas ações à comunidade e ao poder público. Por isso, as parcerias do público e privado na educação sempre terão fins econômicos, com teoria de assegurar o funcionamento satisfatório

necessário à organização escolar, em correspondência as expectativas da sociedade (Estado e Empresas Privadas). Nota-se que de um lado que existe uma preocupação social, mas já por outro o ciclo de interesse é bem delineado. Porém, o aluno deve continuar sendo visto como essência da escola.

Percebemos que no ambiente escolar a parceria existente entre o público/privado em vez de ter uma função transformadora da realidade daquelas crianças, que em sua maioria de baixas camadas sociais, ela reproduz e reforça as desigualdades econômicas existentes para além dos muros da escola, quando não o deveria fazê-lo, no entanto o que impera é a prática do capital que impõe o consumismo.

Haja vista que a criança inicia sua aprendizagem marcada pelo estímulo ao consumo do Mundo da Xuxa, fazendo com que a percepção da vida parta de uma astúcia entre à dicotomia da subjetividade e a objetividade, influenciando na construção de uma estrutura social que entusiasma no modo de pensar, sentir e agir, de tal maneira que se dobram a reproduzir, mesmo que não seja de um todo consciente.

Ferrari (2008), explica que de acordo com Bourdieu “a escola é um espaço de reprodução de estruturas sociais e de transferências de capitais de uma geração para outra. É nela que o legado econômico da família transforma-se em capital cultural”. É possível observar, desta forma, mecanismos de perpetuação de desigualdade, fortalecendo a frustração do fracasso escolar, levando muitas famílias, a descreditarem na educação/escola e aprendizagem, desenhando a cadeia retroalimentar de um círculo incontornável de pessimismo cultural e manutenção da tendência política neoliberal.

4 A INFLUÊNCIA DA AXAKI NA ORGANIZAÇÃO CULTURAL DA ESCOLA PÚBLICA: O questionário.

Nos últimos anos, as discussões sobre o papel da gestão democrática e participativa no âmbito escolar têm engrossado os debates promovidos pelos governos, diretores e professores.

Tendo consciência de que está no educar, cuidar e brincar as ações cidadãs em que o educador se empenha contribuindo para o favorável crescimento e desenvolvimento da criança, visto que estas ações refletem diretamente no indivíduo como um ser ativo.

Portanto, é necessário estimular atividades lúdicas que promovam a exploração de diferentes linguagens além de desenvolver a imaginação e criatividade dentro dos espaços pedagógicos. Todas as questões sempre estiveram centradas na perspectiva de se ter uma educação de qualidade pautada na formação cognitiva, intelectual e social mais completa.

A Escola pesquisada contempla o pré I, II, III e o primeiro ano do fundamental I e atende a cento e setenta e seis crianças que em sua maioria filhos de comerciantes da cidade.

A nossa presença na escola constituiu-se através de um acordo com a diretora Fernanda (nome fictício) que no primeiro encontro foi solicitado à permissão para que em torno de dois dias pudéssemos fazer as observações para que com isso fosse possível conviver por um curto espaço de tempo com as crianças, professoras e demais funcionários da mesma e uma conversa com a gestão sobre os procedimentos da escola como no todo.

Observamos que a brinquedoteca é referente ao Mundo da Xuxa e carrega o nome da artista. Percebemos também que no contexto da Gestão Educacional na Educação Infantil, através da parceria dos setores público/privado, estava interferindo na formação cultural das crianças no ambiente escolar e se contradizendo com o Regimento Escolar e com o objetivo de ser um espaço essencial para a construção da aprendizagem pelas crianças, onde elas irão desenvolver sua própria personalidade, valores, ética e interagir com as outras crianças e com a professora.

Sabendo, a importância do lúdico no desenvolvimento da criança, diante dessa realidade observada indagamos: *Como ocorre e que influência a parceria público/privado na gestão interfere na formação cultural das crianças?*

Um questionamento que me deixou inquieta perante todos os conhecimentos adquiridos na academia a respeito da Educação Infantil, onde dialogando com Cunha (2010, p. 15) sobre a brinquedoteca. A autora compreende que se trata de “[...] um espaço criado para favorecer a brincadeira, [...] aonde a criança (e os adultos) vão para brincar livremente, com todo o estímulo à manifestação de potencialidades e necessidades lúdicas [...]”. Tendo em vista que, na brinquedoteca, o professor, utilizara atividades lúdicas que estimulam o desenvolvimento social e cultural da criança.

No refeitório da instituição, as crianças assistiam DVDs da Xuxa, algo que nos deixou mais intrigados e onde acontecia também a recreação, que seria um espaço por excelência, um local onde “brincar é atividade privilegiada – não só o brincar, como também as muitas facetas que cercam essa atividade e que fomos incorporando em nosso universo. (NUNES, 1999, p. 205)”, mais uma vez, fugia da proposta de diversidade que vimos no Regimento Escolar.

A elaboração da proposta curricular é feita pela gestão (diretora e adjunta) junto com a coordenação pedagógica e o planejamento das atividades baseia-se neste documento, a realização dele é no intervalo de quinze em quinze dias, e a escola desenvolve projetos de leitura e datas comemorativas.

O eixo norteador das propostas do Regimento Escolar da Escola Pública pesquisada é um trabalho associado com pessoas analisando situações (pais e gestão), decidindo sobre as situações, sobre seu encaminhamento e agindo sobre elas em conjunto, propiciando o desenvolvimento do currículo escolar, visando melhorar a qualidade de ensino aprendizagem.

Diante do visível impasse (discurso, prática e o cotidiano escolar), realizamos o estudo através do uso do questionário semiestruturado, aplicado à gestão e a coordenação pedagógica da Escola. Entre os meses janeiro de 2016 a maio de 2016 sobre a Gestão Educacional e as contribuições das parcerias público/privado para a geração da qualidade na Educação Infantil.

Durante a aplicação dos questionários, inicialmente entrevistou-se a coordenação da escola e foi feita a seguinte pergunta: *Quais são os projetos pedagógicos desenvolvidos na escola?* A coordenadora respondeu que a escola trabalha com a pedagogia de projetos e que tinham os de leituras, contos e de datas comemorativas. Para Bourdieu (1964) o Capital Cultural são os benefícios que os alunos conquistam em sua vida escolar relacionado às experiências oriundas de sua classe social. É neste sentido, que o caráter democrático da gestão deve influir, justamente na tentativa de fazer com o distanciamento da desigualdade social permeia os espaços escolares.

Obteve-se vários resultados acerca da alienação ao Mundo da Xuxa e a respeito da reprodução do consumo, construíram-se algumas reflexões sobre essa questão na escola.

Há críticas isoladas acerca da burocracia, por exemplo, a parceria público/privado, em especial a Axaki, que surgiu através de uma amizade pessoal do dono das lojas Axaki com a antiga gestora da escola. Nesta parceria observamos que possui prioridade em apresentar as crianças o Mundo da Xuxa acima das reais necessidades, induzindo a alienação em torno dessa corporação. Constituindo, de forma inconsciente, uma estrutura ideológica, que irá se apropriar do indivíduo, neste caso, as crianças, reproduzindo-se ao longo do tempo que se dispõe socialmente.

Em outras palavras, é o reflexo do atrelamento da educação dissociada no Mundo da Xuxa na construção do Capital Cultural da criança. Este Capital Cultural será responsável pela incorporação do desejo de consumo, em uma analogia com a economia é como se ele fosse à máquina geradora de Capital Financeiro, ofertando clientes as corporações Xuxa e Cia.

Tal preocupação se justifica na necessidade de que a Educação Infantil se consolida como um processo de ensino aprendizagem em que é a base educacional das crianças.

Assim, quando questionamos a gestora adjunta a respeito da parceria da Axaki com a escola obtivemos a mesma resposta, tanto da gestão e coordenação pedagógica como da professora. Fizemos a pergunta: *O que você acha da parceria da escola com a Axaki? Justifique.* Mariana (nome fictício), Gestora adjunta:

Resposta: “Muito gratificante. Porque ajuda toda a comunidade escolar, todos os dias da semana uma sala vai à brinquedoteca, porque tem que estar incluído no planejamento né, eles têm que aprender a brincar com o lúdico lá, e também eles mesmos arruma, quer dizer que logo cedo eles aprendem a ter organização”.

[...] A exclusão ou comercialização dos saberes, das ciências e do conhecimento, através do qual tais saberes são colocados a serviços do mercado, polarizando-se as dicotomias entre os saberes populares o senso-comum, o bom-senso e os saberes cotidianos, *versus* o saber acadêmico. Por detrás, certamente, encobrem-se fundamentalismos, deslegitimações e práticas acadêmicas seletivas que servem para promover e acentuar a exclusão [...] (RODRIGUES, 2003, p. 94).

Assim sendo, encontramos nos questionários, a presença acentuada do que chamamos de comercialização inconsciente do brincar através da brinquedoteca, onde, o tema exclusão sociopolítica e cultural embutido em uma prática que surge na dominação e coerção de vastos segmentos educacionais excluídos nas relações que se constituem no contexto de desenvolvimento do todo da criança dentro dessa parceria.

[...] Em uma sociedade caracterizada, predominantemente, por classes dominadas, o que gera no ambiente escolar uma relação de opressores e oprimidos, e caracteriza a escola como um ambiente produtor de uma violência simbólica, muitas vezes fazendo o aluno pensar que ele não faz parte deste meio. Na busca pelo acolhimento deste aluno, é importante pensar a escola a partir da sua realidade social, valorizando o seu Capital Cultural, na tentativa de valorizá-lo cada vez mais a partir de práticas que venham compensar possíveis prejuízos de privilégios agregados ao ensino básico. [...] (CARVALHO, 2012, p. 5).

Tais constatações introduzem a ideia de educar para o conceito de exploração e dominação do trabalho no campo das relações do capital produtivo. Em face disto, observamos que esta parceria na escola induz a alienação em massa das crianças, uma vez que, todo o espaço da brinquedoteca é caracterizado pela Xuxa Meneghel e corporação.

Mészáros (2008) observa que a imputação ideológica, forma uma consciência específica socialmente e que não pode ser separada da sociedade de classes, articulando valores e situação na busca de estratégias para a manutenção de mecanismos de controle do metabolismo social. Não podemos deixar de fazer essa ponte entre o pensamento de

Meszáros com o controle cultural exercido na escola pesquisada, pois, a natureza ideológica é o imperativo da compreensão do todo na consciência social hegemônica e excludente.

Algo que chamou a atenção na entrevista, como é possível que a configuração dessa parceria propicie uma boa formação pedagógica, diante do contexto de consumo desenfreado e a idolatria do Mundo da Xuxa, um aspecto que pode vim a marcar uma geração de crianças paraibanas, onde, estão tão longe e ao mesmo tempo tão perto de suas raízes culturais. Para Carvalho (2012, p. 7):

[...] A escola deve estar muito atenta à metodologia educacional que aplica, pois de nada valeria se estruturar de modo a proporcionar aos alunos um ambiente que lhe seja familiar e acolhedor, que seja capaz de lhe dar acesso a possibilidades que seu Capital Cultural familiar não seria capaz, e mesmo prepara um discurso de promoção e valorização da identidade pessoal e social do aluno, se a prática educacional efetiva não corresponde com a elaboração do seu projeto educacional. [...]

O ambiente escolar tem que estar de acordo com a filosofia que a sua gestão assume, haja vista que, a dimensão ideológica imputada não somente aos recursos midiáticos, mas também ao espaço pedagógico e a prática educativa dessa equipe, demonstram a ideia da manipulação que em 1995 foi trabalhada pelo Hans Magnus Enzensberger na Europa, outro aspecto que nos faz repensar, ainda ensinamos no modelo eurocentrismo.

Ainda encontramos a tese da imitação de Enzensberger (1995, p. 70) que, “argumenta principalmente em termos morais. Segundo ela, o consumo de mídia conduz principalmente a perigos morais”. Assim desta forma, a questão do saber e do efeito distorção apontam para o que a tese da imbelicilização, segunda ela, “a mídia ataca apenas a capacidade de criticar e diferenciar e a fibra moral e políticas dos seus usuários, como também sua capacidade básica de percepção” (ENZENSBERGER, 1995, p. 71).

Citando esse teórico, por conta que seus textos continuam presentes nos dias de hoje. Qualquer um que veja essa pesquisa sobre cultura e gestão educacional e por que não dizer formação pedagógica, já que, esta é uma questão educacional, mas voltando, não deixara de perceber que praticamente nenhum argumento acerca da disseminação da mídia crítica na escola ocorreu desde o início do século, pois, saber é poder e a educação liberta, como dizia nosso saudoso Freire (1996), no entanto, no que diz respeito a esta relação, este triunfo, mantém ainda com certos limites.

Em primeiro lugar é necessário recordar que o Brasil é um país rico em processos multiculturais e pluriculturais. Em sua história podemos encontra as marcas do encontro de culturas. Por isso, é necessário pensar em seu acervo de conhecimentos que serviram e

servem para a construção social, econômica, política e cultural de cada região da nação, porém, a globalização tem nos conduzido a uma uniformização de mentalidade, assim, é perceptível, na referida brinquedoteca, uma tendência a homogeneização, e por outro, o despertar para a aliança entre consumidores e fornecedores, neste caso específico, os licenciados da Xuxa.

Tal análise não se constitui tarefa de simples abordagem, uma vez que, entendida sob o olhar da exclusão cultural, é um fenômeno que atinge não só a comunidade escolar, mas espaços para além dos muros da escola, sinalizando que as transformações ocorridas na sociedade são consequência da interferência da mídia no desenvolvimento de projetos pedagógicos, portanto, questionamos:

PERGUNTA: Existe alguma parceria que proporciona projeto pedagógico na escola?

RESPOSTA: Sim.

PERGUNTA: A escola desenvolve projetos multiculturais?

RESPOSTA Sim. Paródias.

PERGUNTA: Além da Axaki, existem outras parcerias que investem na escola? Como elas ocorrem?

RESPOSTA: A gente tem uma parceria muito boa com a dentista que faz escovação, ela vem aplica flúor, dá palestra, traz gravuras, dava kits também de limpeza bucal, a Dra. não cobra nada, ela vem a cada seis meses.

Os sujeitos explicitam uma preocupação com a presença de recursos que estejam adequados. O tema envolve direitos mais elementares, como a liberdade, exemplificando a impossibilidade de que um número maior de alunos vá para a brinquedoteca, já que o espaço não suportar todos.

Há uma visão positiva como resposta no que diz respeito à parceria: primeiro, a escola recebe equipamentos; segundo, os equipamentos são utilizados pelos sujeitos escolares; terceiro, a parceria consegue trazer outros parceiros, como no caso específico da dentista.

Há uma visão negativa bastante presente na expressão do coletivo de entrevistados: primeiro, a parceira trouxe equipamentos que são dissociados das necessidades reais; segundo, o conteúdo da brinquedoteca, exclui a possibilidade de trabalhos críticos; terceiro, a parceria com o profissional dentista é válida, porém é insuficiente diante das questões teóricas e prática da aprendizagem crítica.

As condições de trabalho, o espaço, a estrutura física, estão além de uma estrutura tangível, pois, um espaço pequeno além do desconforto físico natural, causa constrangimento, desânimo e desmotivação, que leva a um baixo desempenho nas tarefas escolares.

A gestora escolar enfatiza a questão das parcerias, como um motivo que indiretamente motiva os professores, seja pela lógica de trazer “benefícios” para a escola, pois sempre está fazendo a manutenção da brinquedoteca e ajuda em algumas coisas simples, como, por exemplo, passeios e a coleção literária da Xuxa; ao tempo que, quanto mais os sujeitos educandos apresentam resultados a partir das atividades lúdicas da brinquedoteca, percebe-se um maior grau de alienação, pois os sujeitos incorporam um produto, cuja embalagem traz no seu interior, o suprassumo a alienação gestada pela fundação Xuxa Meneguel. A brinquedoteca não possui nenhum item produtor que possibilite o despertar para a consciência crítica do sujeito. Apenas estimula a participação e incorporação dos fundamentos com alienação, instalando nos sujeitos participantes um conjunto de produtos que não fazem parte das demandas cotidianas dos sujeitos. Daí a incorporação com a ideologia gerar no sujeito uma participação, e, conseqüentemente resultados que possui vínculos da ação de dominação cultural.

Neste olhar crítico, verifica-se que a educação não é funcional. A gestão neste sistema não é vista como o meio, mas como o fim, uma vez que, a boa aparência parece ser mais importante que o bom resultado. As reuniões servem em muito para transmitirem decisões já tomadas, falhando no objetivo principal que é o processo de tomada de decisões sobre a ação.

Dentre os resultados, observamos a discussão acerca da igualdade, uma questão bastante relevante, no âmbito da cultura, que trata de orientações sobre a promoção de ações educativas que respeite a equidade entre indivíduos.

Percebe-se que há uma reciprocidade de valores assumidos pela instituição escolar proveniente da Companhia Meneguel que passa a ser um capital incorporado pelos sujeitos educandos.

Estamos diante um caso complexo envolvendo a formação educacional do capital social – escola com educadores e educando – com um tipo de capital cultural marcado pelo desenvolvendo de posturas, de valores e de ética conduzindo os espaços pedagógicos para a vivência de uma ideologia alienante, tendo a utilização de recursos midiático que afetam e comprometem o desenvolvimento cognitivo dos educandos.

5 RESULTADOS

Nas reflexões finais deste texto, percebemos que a busca pela educação de qualidade sonhada por educadores no interior de suas escolas, torna-se mais longínqua, pois o capital dominador tem vontade insaciável de avançar com o seu crescimento e poderio econômico visando manter sua hegemonia e controle ideológico.

Nesta linha, argumentamos que os resultados dessa pesquisa nos revelam um conjunto de desafios para à construção de uma vivência escolar de qualidade e de estilo libertadora. Buscamos abordar mais que uma perspectiva assistencialista histórica, percebemos que o interesse capitalista, que hoje se dedica a infância e a educação, através, de recursos midiáticos pedagógicos, são caracterizados por produzirem um estado que agradam as emoções e não ao intelecto do sujeito infantil. O marketing da Xuxa Meneghel direciona suas estruturas para a apoiar a formação intelectuais dos sujeitos fundamentada na ‘fantasia’ expressa num de um tipo público, com: a) *Hexis* – produtor de movimentos copórios nos sujeitos assimilados pela prática laborativa; realiza quando exercem, movimentos harmônicos; b) *Ethos* – produtor de um modo de ser, explicitadas atos tidos como benéficos, as virtudes ou vícios, aqueles prejudiciais. C) *Eidos* – produtor nos sujeitos da inteligência emocional. As suas articulações praticadas mutuamente, constituem o *habitus*.

É sugestivo afirmar, que o objetivo em estudo - marketing da Xuxa Meneghel - assume a perspectiva de ser gerador da formação de um público com as características de ter comportamento ‘fiel’ e ‘consumidor’ de um *Hexis, Ethos e Eidos*, tendo como centralidade e busca a instalação da estratégica da incorporação e externalização do público de um *Habitus da fantasia*.

O processo de formação de um público de comportamento ‘fiel’ e ‘consumidor’ só é possível, de acordo PALHANO SILVA pela existência de um aprendizado que é “internalização e externalização” pelos sujeitos no ambiente coletivo, que são organizadores de estruturas, estruturantes e estruturados, geradores das condutas propiciadoras da instalação de *habitus* (SILVA, 2004, p. 176).

Não se pode ignorar o esforço que a equipe pedagógica faz para que políticas públicas educacionais aconteçam na escola, porém, o sistema é falho, e muitas vezes deixam poucas possibilidades ou nenhuma, capaz de enfrentar problemas sociais. Diante desse contexto, percebemos a aplicação da teoria da praxiologia Pierre Bourdieu produz um fecho de luz para o caso em foco, em dois aspectos: a) a estruturação de um *habitus* que introduz

pela incorporação e pela externalização pelo público do uso dos preceitos e fundamentos do ‘marketing da Xuxa Meneghel’; b) a vivência e estruturação do Capital Cultural é fator determinante tanto para a ascensão social e como para a própria construção de uma reprodução da realidade, no qual, os sujeitos inseridos, passam a decodificá-la.

Acercar-nos o campo da Gestão Educacional, como a qualidade de educação onde, este atua como mediador para a efetivação de Políticas Educacionais Públicas e atividades, preparo dos funcionários e promoção de ações participativas na escola, observamos que na discussão sobre cultura não há uma multiplicidade conceitual nos sujeitos da pesquisa, e é expressa, do ponto de vista político, a visão alicerçada nas bases de parceria dominante com a empresa Axaki.

É possível destacar que os resultados obtidos no trabalho apontaram para a necessidade apreço culturais, uma questão bastante relevante, assim, dentro desta perspectiva, que trata de orientações sobre a promoção de ações educativas que respeite a equidade entre indivíduos. Vale aqui salientar que, este só retrata apenas um recorte do que está sucateando nossa educação, o que necessariamente, não nos tira a esperança de um dia visualizar essa realidade com outro olhar.

Os resultados da pesquisa confirmam a hipótese lançada no início da pesquisa, qual seja: a Parceria Público/Privado gera influências na educação das crianças de forma bem acentuada. Podemos manifestar que influencia na formação e vivência do *habitus* da fantasia, como na reprodução Capital Cultural de baixo valor simbólico e induz a uma reprodução de uma realidade fomentada por um ciclo idealizado por uma estrutura opressora.

Considerando a composição do currículo, avaliação e planejamento, identificou-se que materializa uma filosofia conteudista, que se concretiza como mera transmissora de conhecimentos e informações, apesar de que esses são necessários e não devem ser ignorados, pois o modo que as crianças conhecem o mundo social e físico não é nomeado como áreas de conhecimentos, mas como capacidades construídas pela sua participação em situações significativas.

Por isso, por que não incluir também outros modos de aprendizagens, pois mediante, a tantas transformações, os temas transversais irão contribuir e contemplar a formação integral da criança, como por exemplo, as manifestações e criações da cultura, objetos de estudos tão importantes quanto necessárias, constituindo-se na prática diária das escolas.

Nesta perspectiva, é primordial a parceria de teoria e prática no campo pedagógico, pois, a compreensão do entendimento de caráter lúdico traduz seu próprio filtro ideológico

alienante de fundamentos para a educação, entender o corpo como primeiro brinquedo infantil, sugere que em situações de finalidades educacionais promovam na criança a sua autonomia.

Em termo conclusivo, porém passível de ser retomado noutra processo de investigação acadêmica, pode-se anunciar que os estudos revelaram que os produtos da parceria vivenciada entre a Escola Pública pesquisa da cidade de Guarabira-PB e Fundação Companhia Xuxa Meneghel, produziram no capital social dos educandos um capital cultural incorporado de vícios ideológico dominador, pois o conteúdo da inculcação lúdica gerando ou potencializando um sujeito social acrítico, alienado, um não cidadão participante da sociedade.

Percebe-se que a escola oferta ao seu capital social uma formação para o capital cultural. a) Oferta um capital incorporado através da qualificação dos seus educadores. Esses serão “os transmissores” da educação para que os sujeitos possam incorporar suas proposições;

b) Oferta um **capital cultural objetivado** de perfil conservador, sem conexões tanto com as demandas reais básicas – de infraestrutura ou de superestrutura - da escola e quanto com contexto do educando; e

c) Oferta um **capital cultural Institucional** materializado na certificação do sujeito que passará a ser apresentado a sociedade, destacando um capital social que recebeu a chancela escolar, ofertando a sociedade um sujeito alienado, dominado, submisso aos caprichos dominantes, sem compromisso de mudanças e transformações seja no plano social, político, econômico, religioso ou cultural, produzindo uma geração que pode ter sua trajetória comprometida pelos interesses e desejos que não lhes pertence.

O caso estudado, inclina-se para consolidar no capital social um tipo de capital cultural. O capital cultural de um sujeito é composto em sua formação. Os aprendizados da cultura popular de um curumim (criança indígena), por exemplo, são gerados no interior dos núcleos familiares indígenas, na aprendizagem escolar indígena e na comunidade, produzindo a formação do intelecto do sujeito indígena. O mesmo ocorre, com criança operaria, camponesa, mantidas as suas específicas. A formação educativa se materializa no diálogo de um sujeito com outros. E, nessa dialogicidade, onde há reconhecimento dos capitais culturais de cada capital social, ocorre a percepção da estratificação social, do posicionamento no interior do campo, pois são revestidos de forma diferenciada de [status social](#) e [poder](#).

No processo de aprendizagem no âmbito familiar, escolar ou comunitário ocorre a formação de práticas educativas formadoras do *habitus*.

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (Bourdieu, 1983b, p. 65)

No exercício do *Habitus* percebe-se a síntese da dialogicidade, da mediação entre realidade exterior e as realidades individuais, do mundo objetivo e mundo subjetivo das individualidades. Para alterar o *habitus* do sujeito, requer alterar formação para o capital cultural. Significa modificar os esquemas individuais e socialmente constituídos pelas estruturas, estruturadas e estruturantes que orientam as funções e ações do agir no mundo. Assim, os estudos indicam que a propositura instalação de brinquedotecas Mundo da Xuxa junto as escolas tem amplas possibilidades de alterar a qualidade do capital social (educandos/educadores), pois implica em imprimir mudanças na formação dos sistemas de disposições duráveis pela instituição interiorização e externalização da lógica de trazer “benefícios” culminando com a geração da incorporação dos fundamentos com alienação.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Herdeiros**: estudante e cultura. Paris: *Edições de Minuit*, 1964.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 71-79.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

CAPITAL CULTURAL in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$capital-cultural](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$capital-cultural). Acesso em: 13 out. 2018.

CARVALHO, Luciano de Souza. O Capital Cultural na construção de uma Educação Democrática, Reflexiva e Libertadora. **Revista Thema**, n. 9 (02), 2012.

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Marcia R. Bonagamba. Organização dos espaços em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Zilma Moraes. (Org). **Educação Infantil**: muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa humanas e sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2010.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e loucura e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1995. 47 v.

FERRARI, Márcio. Pierre Bourdieu, O investigador da desigualdade. [S.I.]: **Nova Escola**, 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1826/pierre-bourdieu-o-investigador-da-desigualdade>. Acesso em: 13 out. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. O sistema de organização e gestão da escola. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 4. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

LUCK, Heloisa. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. São Paulo: Cortez, 2008.

MESZÁROS, István. **Filosofia, ideologia e ciências sociais**. São Paulo: Bom tempo, 2008.

MENDONÇA, Sônia Regina; NEVES, Lúcia Maria Wanderley; PRONKO, Marcela Alejandra. **Capital cultural**. Rio de Janeiro: Dicionário de Educação Profissional em Saúde, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/capcul.html>. Acesso em: 10 out. 2018.

MEISSNER, Ariadne. **A dimensão prática do fenômeno da ideologia em o poder da ideologia, de István Mészáros**. [S.I.]. Disponível em: <https://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xixcongresso/paineis/070214.pdf>. Acesso em: 11 out. 2018.

NUNES, Maria Fernanda (Org). **Infância e educação infantil**. São Paulo: Papirus, 1999.

PALAHNO SILVA, Paulo Roberto. **MST, HABITUS E CAMPO EDUCACIONAL: Plantando as sementes de uma educação libertadora**. Natal, UFRN (Tese de doutorado), 2004.

RODRIGUES, Zita Ana Lago. Exclusão/inclusão sociocultural e educacional: um escopo analítico sobre seus fundamentos. In: SIDEKUM, Antônio (org). **Alteridade e multiculturalismo**. Ijuí: Editora Unijuí, 2003. p. 91-111. (Coleção ciências sociais).

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **INFORMARE** – Cadernos de Pós-Graduação em Ciências da Informação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 24-36, 1995.